

## JOÃO CABRAL E A POESIA CONTEMPORÂNEA: O DRAMA DA DESTINAÇÃO

---

MARCOS SISCAR\*

---

Para certa poesia brasileira dos anos 1970, o nome João Cabral de Melo Neto designava a poesia intelectualista, desprovida de corpo. Pelo menos, é o que se pode inferir das declarações de Ana Cristina Cesar, ao constatar que a sua geração era “anticabralina por excelência”. Se tomarmos essa tentativa de autodefinição como informação histórica relevante, podemos encontrar nela (assim como nas sucessivas leituras da obra de Cabral) um ponto de partida para uma narrativa possível da poesia brasileira posterior. Seria difícil falar de “anticabralismo”, como paradigma generalizado, mas acredito que a relação tensa com a poética de Cabral continua sendo relevante para se compreender muitos projetos de poesia no contemporâneo.

Antes mesmo de entrar nessa matéria, que não se limita ao esquema das “influências”, seria preciso lembrar que tais leituras remetem a problemas específicos, tais como a noção de sujeito, de biografia, de desejo – dimensões que teriam sido desmistificadas ou bloqueadas (de acordo com o ponto de vista) pela força de afirmação da obra de Cabral.

Uma das formas de abordar essa intriga narrativa atende eventualmente pela alcunha de “retorno do sujeito”, noção que se aplicaria não apenas aos anos de 1970, mas a épocas posteriores, caso o crítico faça questão de manter Cabral e as vanguardas de meados do século XX como expressão mais acabada, transformada em traço estilístico, de uma histórica “crise do sujeito” moderno (que, em poesia, se manifestaria na dissolução do sujeito lírico, na “despersonalização” do poema). A ideia de “retorno” me

---

\* Poeta, ensaísta e professor da Universidade de Campinas/ UNICAMP, Campinas, São Paulo, Brasil.

E-mail: marcos\_siscar@yahoo.com.br.

parece problemática por mais de uma razão. Em primeiro lugar, porque minimiza o entendimento da noção de sujeito e de sua presença (eventualmente enviesada, sempre potencialmente contraditória) em obras anteriores, que exemplarmente o excluiriam; em segundo lugar, porque se apoia historicamente na suposição de que as propostas de abstenção do sujeito seriam ao mesmo tempo o ápice e o modelo do tratamento da questão da subjetividade na poesia moderna – em relação às quais o contemporâneo seria uma espécie de repetição, de *déjà-vu* (ou de revisão, no melhor dos casos). Uma análise responsável dessa questão deveria, portanto, levar em conta a complexidade da noção de sujeito tanto quanto as diferentes possibilidades de “tradição” que estão em jogo (para além da tradição antilírica).

Há, em todo caso, na leitura de Cabral, uma cena relacionada ao *sujeito*, uma discordância sobre aquilo que constituiria uma relação crítica com essa instância. E esse problema passa, no Brasil, pela reação da poesia dita Marginal e posterior aos *partis pris* da poesia de vanguarda ou, mais especificamente, de uma vertente “objetiva”, “construtiva”, em todo caso antissubjetivista, da poesia brasileira, dentro da qual Cabral ocupa lugar de destaque. O modo de relação com essa instância ajuda a compreender projetos específicos e a distingui-los como respostas possíveis para o problema do sujeito além de, eventualmente, sugerir outro viés de leitura da tradição.

Conhecemos bem as críticas de Cabral à inspiração e à centralidade da experiência do poeta (bem tipificada pela ideia romântica de poesia), que transformariam o poema em uma espécie de testemunho biográfico, de uma biografia considerada excepcional. Embora Cabral faça muitos esforços para dissociar poesia e biografia (inclusive de modo muito *personal*, em cartas), as relações entre sua pessoa e sua poesia estão longe de caracterizar-se como um simples divórcio. A ideia de um intelectualismo que exclui o sujeito é uma ideia pré-analítica e constitui uma visão mais próxima de sua situação “escolar”, por assim dizer. É, portanto, um tema e um problema para sua leitura. Qual a diferença entre ausência do sujeito e oco do sujeito identificado pela memória de uma forma? Entre a busca da objetividade social e a contumácia da memória familiar?

De um modo ou de outro, é preciso reconhecer que a situação intelectual na qual se inscreve a obra de Cabral é distinta daquela dos anos 1970, quando a filosofia, a psicanálise e as ciências humanas de modo geral haviam logrado divulgar uma visão problematizada da questão da consciência a si e da intencionalidade do sentido, envolvendo diversos tipos de descentramento e diversos tipos de diálogo com o campo artístico, para além das respostas irracionistas da primeira metade do século XX.

No bojo desse processo de transformação, ao qual responde a poesia brasileira, há poetas que apostam tudo nos desníveis da inserção do sujeito e na possibilidade de abertura gerada pelo desejo, assim como há poetas em que esses complicadores acabam se resolvendo como uma espécie de bloqueio. Esses polos (que no fundo são aspectos do mesmo gesto) constituem pontos de partida importantes para o conhecimento de diferentes projetos, que não podem ser identificados simplesmente como anticabralinos ou cabralinos. Metodologicamente falando, veríamos talvez o crítico de Cabral trair uma certa obediência, uma certa mobilização; assim como veríamos o conforto da filiação mostrar as suas derrapagens. Se, nos melhores casos, as sutilezas do sujeito, bem como a incompletude performativa da escrita parecem estar em primeiro plano, há particularidades e especificidades notórias em distintas experiências do dilema. Movimentos que poderíamos chamar de “abertura” e “fechamento”, propiciados pela relação com o conflito do sujeito, precisariam ser mais bem avaliados, por exemplo, em obras como as de Ana Cristina Cesar e Paulo Henriques Britto, dois poetas da mesma geração, para quem Cabral foi uma referência importante, embora (por diversas razões, incluindo a morte da primeira) dois trabalhos com desdobramentos bem diferentes nas décadas que se seguiram a suas estreias na poesia.

Para fazer qualquer passo nesse campo, é necessário antes de mais nada suspender os pressupostos que desqualificam a compreensão mais pontual dessas diferenças. Parece-me, por exemplo, um argumento frágil considerar que a complexidade na relação com o sujeito (ou, de resto, com o “real”) coincida com um enfraquecimento da capacidade crítica (ou, alternativamente, do valor literário) da produção poética contemporânea.

Por um lado, a questão em foco é muito mais ampla que a própria poesia, e diz respeito a vários outros tipos de discurso (incluindo o crítico); por outro, a poesia não deixa de ser um dos discursos que responde às transformações históricas de modo mais imediato, avisado e consequente (a partir, é claro, de um campo de referências heterogêneo, que não exclui o afeto e a experiência pessoal, por meio de um dispositivo de *aproximação*).

Isso me leva a um outro aspecto da obra de Cabral, que se associa à questão do sujeito e, de certo modo, a esclarece.

Em Cabral, como já era o caso em Mallarmé, é possível dizer que a crítica à dimensão personalista em poesia se dá em paralelo com a finalidade da relação com o público: uma poesia cujo interesse se limita à vida do poeta é uma poesia em que a dimensão coletiva do efeito literário sai prejudicada. Ela soa imediatamente como mero relato de uma experiência individual, como relação parcial e interessada, desvinculada de uma ambição de ordem histórica e artística; não atende à necessidade social à qual idealmente se destina. Ou seja, enquanto permanece na esfera do individualismo, não está à altura de sua tarefa criadora do sentido comum que, em Cabral especificamente, liga-se à ideia de atendimento à demanda do público.

No conhecido ensaio “Poesia e composição”, a instância do destinatário do poema é central para se entender a ênfase técnica dada por Cabral à questão da poesia: sem competência técnica o poeta não é capaz de atender adequadamente à necessidade histórica de seu leitor. As grandes épocas da poesia são épocas em que os poetas mostram capacidade artesanal para levar a cabo seus propósitos. A situação se torna complexa inclusive porque, como sabemos, Cabral sobrepõe a essa exigência do *savoir-faire* (necessário, por exemplo, à poesia participante) o problema da autonomia da arte, que impõe outras partilhas e outros problemas.

Em todo caso, como disse, à questão do sujeito em poesia, se associa essa outra dimensão da discussão sobre Cabral que é a questão do público. É importante constatar que são aspectos colocados em paralelo pelo autor e que explicitam, não apenas a perspectiva “política” (à qual Cabral era particularmente sensível), mas de forma mais cuidadosa, o drama da

*destinação*. Se o modo escolhido por uma obra para destinar-se (ou seja, para relacionar-se com seu destinatário) é relevante, poderíamos dizer que a obra de Cabral não apenas remete a uma narrativa possível da poesia brasileira contemporânea, mas que ela é também um episódio entre outros daquilo que eu chamaria de *história da alteridade* na poesia moderna, com suas diferentes concepções de relação com o *outro*.

Digo isso, de propósito, de modo muito alusivo. Não se trata aqui de entrar em considerações de outra ordem. Gostaria apenas de lembrar que Cabral não deixa de ser herdeiro de um processo associado às grandes utopias políticas do século XX, como parte de uma geração de escritores que, nos anos do pós-guerra, se interrogava sobre o destino a dar à poesia em tempos de crise. Se a Poesia Concreta, por exemplo, pretende aproximar a poesia das ruas, não é sem tomar para si um imperativo de mesma natureza daquele ao qual *A rosa do povo* (apesar de todas as diferenças de concepção e de estratégia) procurara responder. Considerado nessa escala e nesse contexto, o chamado “pessimismo” de Drummond, em *Claro enigma*, é uma consequência, em nada surpreendente, da militância utópica que, tendo respondido à situação de crise, deve optar entre enaltecer seu percurso progresso (identificando impactos, valorizando transformações parciais) ou então acomodar-se à ideia de que a história raramente dá razão às aspirações pessoais. São respostas diferentes a uma mesma questão.

Pode-se dizer que, durante várias décadas, no Brasil, as poéticas de vanguarda (às quais Cabral sempre foi atento, desde os tempos do Surrealismo) se impuseram, pensaram suas tarefas, fizeram sua autocrítica, reviram seus pontos de referência, tentaram se renovar. E fizeram isso em função de determinadas finalidades, determinadas “utopias”, criando para tanto, em seu espelho, um virtual “inimigo”: a ideia de “poesia pura” (historicamente contestável, se tomada no estrito sentido de uma arte refratária ao imperativo da destinação). O século XX brasileiro foi um século marcado pela atuação, pelo crivo literário e crítico das vanguardas. E contestações tardias ao interesse literário das vanguardas não deixam de confirmar esse fato. Durante muitas décadas, a vanguarda *esteve em questão*,

chegando ao ponto em que ela própria considerou necessário anunciar seu “fim” (penso aqui no conhecido anúncio, feito por Haroldo de Campos, da poesia “pós-utópica”).

Nesse sentido, o anticabralismo (ou as diversas leituras de Cabral) pode(m) ser visto(as) como algo mais do que uma postura que diz respeito ao caso de Cabral: trata-se de colocar em primeiro plano as respostas que a poesia brasileira vem dando ao problema de sua relação com a tradição de vanguarda. E, nesse contexto, creio que podemos verificar uma situação crítica e poética particular, baseada no fato de que, a partir de certo momento, reconhecemos um esforço de deslocar não apenas a relação do poeta com a obra, mas o modo de relação da obra com seu destinatário (“leitor”, “público”, “sociedade” etc.).

Em texto sobre Ana Cristina Cesar, argumentei que há nela um gesto de revisão da concepção positiva e mensurável do público, substituída por uma figura de alteridade dramatizada e provocada a partir da exposição da intimidade. Esse trabalho, naturalmente, não exclui (muito pelo contrário, mobiliza) a expectativa ou a determinação de um público. Porém, tende a transformar as hierarquias e as responsabilidades previstas no esquema tradicional da comunicação (autor escreve para leitor), ao mesmo tempo em que aspira a redimensionar o problema da representação (texto fala de determinadas coisas, de determinada maneira) e, portanto, do “real” (aquilo que acontece, que *têm lugar*).

Apontar essa ambição não nos oferece conclusões imediatas a respeito da questão da destinação na sua generalidade (nem do ponto de vista da geração de Ana C., nem do contemporâneo), mas não deixa de ser relevante, e mesmo necessário, para sairmos da apatia complexada ou da tábula rasa do sintoma (de ordem histórica, estética ou identitária) relacionadas à poesia contemporânea.

Esses deslocamentos me interessam particularmente tanto como crítico quanto como poeta, inclusive como leitor de Cabral – e, a esse propósito, remeto ao ensaio preciso e consistente de Solange Fiuza, “Marcos Siscar e a reinvenção do legado de João Cabral” (publicado em *Poesia contemporânea e tradição: Brasil e Portugal*). Não se trata apenas de *constatar*

tais deslocamentos, mas de dar a eles efetividade ao descrevê-los, mobilizá-los com a força do argumento e da criação.

Reler Cabral envolve tanto a pergunta sobre como me colocar (“eu”) no poema, como também sobre a relação tensa com esse outro que meu texto cria e pelo qual (na perspectiva do qual) é criado. Em suma, envolve também um drama da destinação.

.....

---

Submetido em 25 de janeiro de 2018

Aceito em 10 de fevereiro de 2018

Publicado em 30 de julho 2018

---